

A educação da espiritualidade: coaching, cristianismo e regulação da imanência

The education of spirituality: coaching, Christianity, and immanence regulation

Taylor de Aguiar*



<https://doi.org/10.29327/256659.13.1-8>

Resumo: em um curso denominado *Inteligência Emocional*, ofertado por uma igreja evangélica de Porto Alegre, técnicas de *coaching* são acionadas no intuito de estimular o “amadurecimento da espiritualidade” e a “gestão das emoções” dos participantes. Com base em uma pesquisa etnográfica, abordo neste artigo as formas pelas quais se desenvolveu no curso uma educação da espiritualidade *sui generis*. Esta noção de espiritualidade esteve no centro das articulações que concatenaram técnicas de *coaching* com intervenções rituais, configurando um *coaching* de corte cristão. Tal como praticada no curso, a educação da espiritualidade revela a importância de um regime de regulação da imanência para a estabilização das tensões teológicas envolvendo dicotomias como imanência/transcendência e antropocentrismo/cristocentrismo.

Palavras-chave: Espiritualidade; Coaching; Cristianismo; Educação da espiritualidade.

Abstract: in a course called *Emotional Intelligence*, offered by an evangelical church in Porto Alegre, coaching techniques are used in order to stimulate the “maturity of spirituality” and the “management of emotions” of the participants. Based on an ethnographic research, I discuss in this article the ways in which a *sui generis* education of spirituality was developed in the course. I emphasize how the notion of spirituality was at the center of the articulations that concatenated coaching techniques with ritual interventions, configuring a Christian coaching. As practiced in the course, the education of spirituality reveals the importance of an immanence regulation regime for the stabilization of theological tensions involving dichotomies such as immanence/transcendence and anthropocentrism/Christocentrism.

Keywords: Spirituality; Coaching; Christianity; Education of spirituality.

Introdução

Este trabalho versa sobre um curso de “inteligência emocional” que objetivava contribuir para o “amadurecimento da espiritualidade” e para a “gestão das emoções” de seus participantes em uma igreja evangélica de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Durante as cinco sessões em que o curso foi estruturado, técnicas de coaching¹ foram amplamente utilizadas, desde sua articulação com

* Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador vinculado ao Núcleo de Estudos da Religião (NER/UFRGS). Bolsista de doutorado da CAPES. E-mail: taylor.aguiar@ufrgs.br

intervenções rituais que tornaram as fronteiras entre prática formativa e culto porosas. Empreendo nas próximas páginas uma tentativa de interpretação dos processos de educação da espiritualidade que presenciei no curso, reunindo o material etnográfico produzido ao longo das cinco semanas em que ocorreram as sessões, entre os meses de março e abril de 2021. Antes de estabelecer contornos mais definidos às problemáticas da pesquisa e de adentrar as descrições etnográficas propriamente ditas, traço em alguns parágrafos um panorama de minha chegada pessoal ao tema, sublinhando as motivações para a escrita deste artigo.

Foram variadas as pistas que me trouxeram ao desenvolvimento de uma pesquisa sobre as relações entre coaching, cristianismo e espiritualidade. Em 2020, como aluno da disciplina de Seminário de Doutorado, cursada junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fui estimulado a elaborar um trabalho monográfico sobre um tema que se distanciasse de meus interesses de pesquisa até então usuais. O objetivo do curso era proporcionar aos alunos uma experiência criativa, que os deslocasse dos limites artificialmente impostos pelos subcampos constituintes da disciplina antropológica. Assim, o único requisito que se esperava de mim era que eu não trabalhasse, naquela monografia, um tema relacionado diretamente ao meu subcampo de pesquisa mais familiar: a antropologia da religião.

A partir deste desafio, considerei uma solução alternativa que partia da ocorrência de uma controvérsia pública que envolvia a religião, mas que a ultrapassava amplamente. Tomei conhecimento, àquela época, da polêmica nomeação do novo reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Marcelo Recktenvald, pelo Ministério da Educação². A controvérsia se iniciava com a constatação, feita pela comunidade acadêmica, de que toda uma bibliografia sobre coaching formaria a base de uma disciplina ministrada por Recktenvald no curso de Administração. Haveria, além disso, uma relação explícita entre a religião cristã e a bibliografia da disciplina, haja vista a sua composição por referências como os livros *Jesus coach*, *Uma vida com propósitos* e a própria *Bíblia Sagrada*³. Para alimentar ainda mais a denúncia, que se orientava pelo princípio da laicidade do Estado, noticiou-se que o professor também se definia como pastor batista. À vista dos denunciantes, a reunião desses elementos constituía por si só um problema.

Para fazer jus à proposta da disciplina, situando-me além do interesse imediato pelos componentes religiosos que teriam sido operados naquele caso, ou por aspectos que poderiam ser associados unicamente àquela circunstância es-

pecífica, o episódio me levou a refletir sobre as relações mais gerais que se estabeleceriam entre coaching e educação. Qual seria, afinal, o elo existente entre práticas de coaching e processos educacionais, fossem eles mais ou menos formais e estivessem inseridos em dinâmicas mais ou menos institucionais? No texto que resultou em minha monografia, e que posteriormente se transformou em artigo (Aguiar, 2021), dou um primeiro passo na direção de tentar compreender alguns aspectos do universo complexo do coaching, a partir de um de seus desdobramentos possíveis: o coaching educacional. Mas, se a educação engendra um campo generoso de desenvolvimento para certas práticas de coaching, como pude constatar, isso também não ocorreria de alguma maneira com o campo das religiões? Ainda que conservasse junto a mim um interesse em perceber que relações se encontravam presentes nas dinâmicas coaching-religião, não desenvolvi nenhuma outra reflexão ou pesquisa que tratasse do tema no ano de 2020.

Entretanto, como já é de nosso conhecimento, a pesquisa antropológica comumente evoca e é evocada por circunstâncias instauradas por, em e através de “artimanhas do acaso” (PEIRANO, 1995). Encontrei-me novamente em conexão com o coaching justamente a partir da religião, em minhas pesquisas sobre jovens e novos movimentos musicais em igrejas evangélicas. Em fevereiro de 2021, alguns meses já haviam passado desde meu último encontro com o tema, quando incorporei em meu campo exploratório para a tese de doutorado visitas a uma igreja pentecostal situada na zona norte de Porto Alegre: a Casa LGF – Lugar de Gente Feliz. Numa das ocasiões em que estive presente nessa igreja, deparei-me com o anúncio de um curso de “inteligência emocional” que seria ministrado por um membro da denominação formado em coaching. Todas as sessões seriam ofertadas gratuitamente durante cinco sextas-feiras, no espaço mesmo do templo. Sem demora alguma, me inscrevi. O anúncio feito pelo pastor no culto destacava que o curso tinha como objetivo ajudar os participantes a “amadurecerem a [sua] espiritualidade” e a “gerirem melhor as [suas] emoções”, com o apoio de ferramentas do coaching e a partir de uma perspectiva bíblica e cristã.

De início, meu interesse em participar do curso esteve motivado, em grande medida, pela curiosidade que tive de conhecer mais de perto as atividades que ocorriam naquela igreja. Além disso, a participação nas sessões de coaching poderia facilitar meu acesso a um campo de pesquisa em construção, na medida em que eu teria a oportunidade de conhecer pessoas que potencialmente se tornariam minhas interlocutoras e parceiras de pesquisa em um futuro próximo.

Essas duas expectativas iniciais, no entanto, sofreram uma inflexão no decorrer do curso. Gradativamente, percebi elementos que me levaram a novas reflexões, redirecionando meu olhar a um quadro múltiplo e aberto de indagações. No cerne delas, sobressaía uma percepção constante de que a noção de espiritualidade era ali operada como um ponto de articulação entre coaching, religião e uma educação de si – de emoções, sentimentos, ações e disposições que remetiam a uma essência individual interna.

Este artigo é o resultado desta breve história de encontros com o coaching. Nela se entrecruzam as indagações mais iniciais sobre as relações entre coaching e religião e as problemáticas posteriores que surgiram com a etnografia. Trata-se de um trabalho de caráter exploratório, amparado por um conjunto de reflexões que se originam de minha própria experiência como aluno do curso *Inteligência Emocional*.

Para desenvolver os argumentos que apresento a partir dessas reflexões, organizo o texto em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira delas, explico as características da prática de coaching dentro de um quadro de conceptualização que não pretende ser exaustivo ou definitivo, mas cuja referência é importante para a compreensão das variações que o coaching pode assumir em situações de aplicação diversas. Ainda neste caminho, apresento sucintamente um debate sobre a noção de espiritualidade nas ciências sociais da religião, demonstrando como algumas apropriações dessa categoria se aproximam de uma concepção elementar do coaching: a ideia de uma essência humana individual, interior, natural e universal.

Na sequência, em outra seção, descrevo a realização das sessões do curso *Inteligência Emocional*, desde a percepção que dele pude ter enquanto um aluno participante. Minha atenção é posta especialmente sobre as articulações estabelecidas entre a aplicação de técnicas de coaching e as menções à ideia de espiritualidade feitas durante o curso. Procuo perceber o desenvolvimento do processo de coaching como uma maneira de educação da espiritualidade. Enfatizo que espiritualidade, nesse caso, se refere a uma noção-chave articulada com a regulação das técnicas de coaching através de intervenções rituais.

Tais intervenções, como destacarei na terceira seção do texto, são modos de concatenação de elementos que envolvem dicotomias como imanência/transcendência e antropocentrismo/cristocentrismo, as quais constituem

fontes de preocupação cristã quanto à autenticidade e à validação das práticas de coaching inseridas no curso. Sugerindo pensar na educação da espiritualidade como um regime de regulação dessas dicotomias, demonstro que um coaching de corte cristão, tal como aquele desenvolvido no curso promovido pela Casa LGF, é atravessado por tensões que seus promotores intentam resolver a partir de intervenções rituais sobre a noção de espiritualidade.

Coaching e espiritualidade: uma aproximação

Diante da ausência de uma convergência programática entre múltiplas práticas, somada à existência de centros e escolas de formação independentes entre si, o coaching apresenta um leque bastante variado de possibilidades de ação e atuação. É tarefa difícil e mesmo forçosa propor uma definição última do que seja o coaching, uma vez que suas técnicas, práticas e símbolos se encontram em disputa entre diferentes atores. Silva (2010) demonstra que os limites entre o que se convencionou chamar de coaching e outras práticas similares são tênues. Orientação profissional, mentoring e counseling são algumas das variantes de processos de “desenvolvimento pessoal” que guardam singularidades e diferenças entre si.

De maneira geral, o que essas “metodologias”, “processos” ou “formas” de desenvolvimento de pessoas possuem em comum é a sua origem no ambiente empresarial, em dinâmicas de treinamento para o aumento da produtividade e da satisfação/bem-estar individual na cotidianidade do trabalho, e a sua relação estreita com conhecimentos associados à psicologia (OLIVEIRA-SILVA, 2018).

De acordo com Batista e Cançado (2017), a diversidade de conceitos relativos ao coaching trata apenas de descrições das modalidades da prática, posto que variações internas no âmbito do coaching se baseiam em universos totalmente distintos para a composição de suas técnicas. Dessa forma, temos a existência de um amplo campo profissional – vale dizer, não-regulamentado pela legislação trabalhista brasileira – que abarca em seu interior possibilidades múltiplas de atuação: coaching educacional, coaching parental, coaching de finanças, coaching executivo, coaching cristão, etc.

Essas modalidades expressam diferentes maneiras de pôr em prática os processos de coaching, sendo que o que poderíamos chamar de um “mínimo denominador comum” entre elas consiste: a) na agregação de conhecimentos de

diversos campos do saber para a sua legitimação científica; e b) na relação objetiva de clientela que se estabelece entre coach (treinador, especialista em coaching) e coachee (treinando, sujeito do processo de coaching). A legitimação científica é um artifício elaborado quando coaches atuantes em diferentes modalidades se valem de conceitos e teorias da psicologia, da educação, das ciências sociais, da neurolinguística, da física e de outras disciplinas acadêmicas para afirmar a propriedade científica das técnicas de coaching que aplicam. Já a relação de clientela é um acordo de cunho estritamente profissional, não terapêutico, estabelecido durante o processo de coaching, no qual um coach se compromete a auxiliar um coachee no planejamento e no acompanhamento de ações destinadas ao alcance de suas metas.

É importante levar em consideração esses dois aspectos – legitimação científica e relação de clientela – como pontos de referência globais que nos situam entre as diversas modalidades de coaching. Afirmando isso tendo em vista os desafios que um trabalho sobre o tema pode encontrar no âmbito das ciências sociais. Em primeiro lugar, artigos, teses e dissertações sobre coaching são quase inexistentes nesse campo. Se alguns trabalhos sobre capitalismo, inovação e empreendedorismo em antropologia e sociologia econômica, a exemplo da tese de Faria (2018), tocam no assunto de maneira lateral, outros estudos, como o de Casalotti (2016), focalizam o coaching em um tratamento do tema exclusivamente comprometido com discussões atinentes à sociologia econômica e do trabalho: gestão corporativa, sistemas de gestão pós-fordista e tecnologias de racionalidade neoliberal. Ainda outro trabalho de inspiração antropológica, o de Guimarães (2015), propõe-se a ser uma etnografia aberta a questões variadas, mas denota uma ênfase demasiadamente posta sobre o processo de formação de coaches.

De todo modo, as abordagens existentes sobre o coaching são muitas, assim como muitas são as possibilidades de análise a partir do tema. O que chama a atenção, entretanto, é a quase ausência de estudos que considerem o coaching na especificidade dessas modalidades múltiplas que se refletem em um campo de atuação profissional variado. Uma vez que as duas dimensões acima mencionadas atravessam essas modalidades todas, é uma lacuna importante o fato de que pesquisas em ciências sociais não estejam acompanhando as incidências do coaching sobre o debate científico, por exemplo, ou sobre processos educacionais informais e não-escolares.

Exceção notável a essa tendência de enquadramento geral do coaching em um debate de ordem econômica é o recente e pioneiro trabalho de Stern e Guerriero (2020). Os autores situam uma dentre as tantas possibilidades de atuação específicas do coaching – o coaching de corte cristão praticado entre evangélicos brasileiros – dentro de um debate sobre a ampliação do alcance social do que eles chamam de um “*ethos* Nova Era”. Stern e Guerriero estão interessados em demonstrar como a prática de coaching está intimamente relacionada, em sua origem, com um movimento contracultural que toma forma nos Estados Unidos da América no período posterior à Segunda Guerra Mundial.

Uma das faces mais salientes decorrentes desse movimento seria a emergência de uma acreditação socialmente difusa na existência de um potencial interno e intrínseco ao ser humano, o que influenciaria, nas décadas seguintes, o desenvolvimento de uma psicologia humanística e de concepções de liderança e aprimoramento de si que passariam pelo cultivo de potências internas inerentes à natureza humana. Retomando Hanegraaff (1996), os dois autores abordam a “cultura de autoajuda” que emerge através dos desdobramentos desse período como um dos pilares do movimento Nova Era. Trata-se este último de um conjunto amplo de técnicas, práticas, filosofias e saberes que expressam uma relação de cunho individualista e desinstitucionalizada com o sagrado e que, para tomar de empréstimo a definição traçada por María Julia Carozzi (1999), conectam a ideia de uma “intimidade sagrada” a uma interioridade individual em processos de busca por evolução espiritual, harmonia energética universal, saúde pessoal e/ou equilíbrio da natureza, valendo-se de um vocabulário que pode ser religioso, energético, natural e/ou terapêutico.

Ao vislumbrarem evidências de continuidade entre os universos de significação do coaching e da Nova Era, Stern e Guerriero entendem que o coaching evangélico revela uma forma de apropriação religiosa de um “*ethos* nova Era”, ou seja, de valores, noções, práticas e formas de organização que se originam nesse movimento específico. Essa maneira de interpretar as relações estabelecidas entre coaching e religião, não obstante, vai ao encontro de um ponto de convergência significativo entre o “núcleo duro” das práticas de coaching – a concepção de um desenvolvimento tecnicamente orientado de potências individuais internas – e uma noção que se apresenta abundante em diferentes campos empíricos, mas cuja associação mais ou menos direta com fenômenos religiosos tem recebido atenção especial das ciências sociais da religião nas últimas duas décadas. Refiro-me à ideia de espiritualidade, cuja presença em políticas e espaços de saúde e

práticas terapêuticas é basilar a certos modos de vinculação entre religião, saúde e espaço público (TONIOL, 2015; GIUMBELLI; TONIOL, 2017).

Sua operação a partir de concepções que a situam como uma dimensão natural, interna e universal a todos os seres humanos é central para a constituição dessas relações, como revelam, por exemplo, os processos de oficialização da espiritualidade como uma dimensão intrínseca à saúde humana pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pesquisados por Toniol (2017). Em casos de disputa como o que permeou as discussões sobre essa oficialização, argumentos de que a noção de espiritualidade está associada necessariamente com religião/ões têm sido contrapostos a justificativas que giram em torno da ideia de que espiritualidade é um componente humanamente universal, trans-histórico e transcultural. A circularidade do entendimento de que a espiritualidade é um fator humano universal abrange tanto aqueles espaços, práticas e domínios considerados como seculares, quanto aqueles tomados como religiosos. Huss (2014) demonstra como a fórmula “espiritual, mas não religioso” pode estar associada com uma “espiritualidade Nova Era” de uma maneira que desafia o próprio edifício sobre o qual foi construída a oposição binária entre religioso e secular.

Isso porque, diante do conjunto variado de articulações que a espiritualidade tem empreendido em dinâmicas sociais como as acima expostas, as fronteiras entre religioso e secular se mostram mais porosas, sobretudo em configurações modernas (VAN DER VEER, 2009). As incidências desses movimentos nos estudos sobre religião são evidentes, de tal sorte que alguns autores têm elaborado esquemas analíticos destinados a lidar com os desafios daí decorrentes. É o caso de Heelas e Woodhead (2005), que, partindo de concepções êmicas, oferecem uma categorização da religião em três tipos: 1) *religions of difference*, nas quais há uma clara distinção ontológica entre divindades, humanos e natureza; 2) *spiritualities of life*, cuja perspectiva holística enfatiza uma identidade fundamental entre divindades, humanos e natureza; e 3) *religions of humanity*, que, em um meio termo, estabelecem outras configurações de conciliação entre os três elementos. Sem adentrar em maiores considerações sobre as particularidades deste esquema específico, basta mencionar que aspectos ontológicos e a relação entre imanência e transcendência são nele enfatizados.

Ou seja, para tratar de espiritualidade em sua vinculação com a religião, uma saída analítica frequentemente encontrada tem sido voltar a atenção para os modos de associação entre divindades, humanos e natureza, descrevendo e

analisando configurações religiosas diversas relativas à díade imanência-transcendência. É exatamente por esse caminho que procurei trilhar os passos para a construção deste trabalho, identificando as conexões entre coaching, espiritualidade e religião desde a observação de processos de regulação da imanência⁴ que foram operacionalizados no desenvolvimento de uma educação da espiritualidade ao longo do curso *Inteligência Emocional*.

Tais processos são capazes de visibilizar as estratégias que permeiam o aционamento da noção de espiritualidade, indicando a sua importância para a estabilização de tensões envolvendo a presença de técnicas de coaching no ambiente religioso, assim como para a constituição de um coaching de corte cristão. Seguindo a recomendação de Frigerio (2016), tomei o cuidado de não fazer da “epistemologia da individualidade” que pudesse constatar no processo de coaching uma sociologia, ou seja, o que me interessa perceber não é a simples convergência da ideia de espiritualidade, tal como presenciada nas intervenções rituais que compuseram as sessões do curso, com características que participam de um arcabouço essencial de técnicas e conhecimentos do coaching. Com os dados etnográficos que apresentarei em seguida, procurarei não apreender a “espiritualidade” em quadros congelados de conceptualização nativa, mas descrever de que forma esta noção foi articulada com um processo educativo específico.

Uma espiritualidade educada: gestão emocional, mensuração energética e testemunho cristão

“Eu quero, eu posso, eu consigo!” O mantra enchia o templo com a exaltação sonora de nossas capacidades individuais. À medida que pronunciávamos estas palavras, pude perceber nos rostos de meus colegas de curso o afloramento de uma espécie de sensação de conquista. Gritávamos alto, declarando a nós mesmos que nossas limitações não tinham poder para nos prender. “Eu sou líder!” Ainda insatisfeito com o tom das vozes que ouvia, Jonathan⁵ criticava a zona de conforto em que nos encontrávamos. O coach nos ordenava que falássemos cada vez mais alto, evocando energias que permaneciam contidas dentro de nós. “Eu construo e não destruo!” A voz se erguia com ainda mais potência, afirmando que éramos capazes. Precisávamos alcançar o auge. Em determinado momento, passamos a repetir todas as frases ditas pelo coach em sequência. Logo após, com o irromper de palmas, percebi que havíamos chegado a uma catarse.

Marcadamente intenso, o excerto acima descreve de forma sucinta um dos momentos mais atípicos que pude presenciar no curso *Inteligência Emocional*. Das cinco sessões que o compuseram, apenas a primeira contou com uma repetição coletiva em voz alta de frases motivacionais e com uma espécie de catarse ocorrida ao final de uma dinâmica. Havíamos começado a reunião daquela primeira sexta-feira com uma breve oração e um louvor. Todo o instante preparatório para a sessão se assemelhava a um culto, exceto pela não ocupação do púlpito e pela pequena quantidade de pessoas presentes no recinto. Quando cheguei à Casa LGF, encontrei algumas poucas cadeiras dispostas em frente ao púlpito, distribuindo-se em formato oval. O anúncio de que o curso possuía inscrições limitadas, devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19, havia sido feito durante os cultos e nas redes sociais. Não mais do que quinze pessoas compareceram à igreja naquela noite, somando a minha própria presença, a do coach e a do pastor da igreja. A julgar pelos cumprimentos mais afetivos e menos formais, a maioria dos participantes, formada por mulheres, era composta por membros da igreja ou por pessoas bastante conhecidas do pastor e do coach. Um músico era o responsável por cantar e tocar violão durante os hinos de louvor, enquanto o pastor se encarregava de fazer as orações de abertura e de encerramento da sessão e de apresentar Jonathan, o coach que iria nos conhecer e guiar as nossas atividades pelas próximas quatro sextas-feiras.

Com a palavra, Jonathan tratou de iniciar sua fala contando sua história pessoal de conversão. Ele destacou que sua trajetória de vida foi formada por conflitos internos, que se originaram em sua família ainda durante a infância e o afligiram até a vida adulta, nunca o tendo abandonado definitivamente. Católico até pouco tempo, ele tomara a decisão de mudar de religião a partir de uma visita realizada à sede brasileira da Hillsong Church, em São Paulo, quando lá estivera para uma viagem de negócios. Sentindo-se, em suas palavras, “diferente” ao final do culto de que participara, Jonathan procurou em Porto Alegre por “uma igreja que fosse parecida com a Hillsong”. Encontrando a Casa LGF, começou a frequentá-la e foi nela batizado.

A temporalidade de sua conversão se confundia, no seu relato, com uma inflexão no sucesso de seus negócios como empresário. Formado em Educação Física e dono de duas academias, Jonathan mencionava que sua vida financeira teria mudado drasticamente a partir da decisão de entrar para a igreja e de estudar coaching e ler livros sobre Psicologia Positiva⁶. O coaching agora havia se tornado para ele uma segunda profissão e, em suas palavras, um modo de “servir

às pessoas”. A realização de cursos de coaching no Brasil e no exterior era uma consequência direta de sua “mudança de mentalidade”, revelada sobretudo no processo de conversão vivido.

A narrativa meritocrática era tomada por Jonathan como um fio condutor que ligava a importância do coaching à dimensão da conversão evangélica em sua vida. Ele mencionava que o que havia possibilitado uma mudança radical de sua condição financeira e profissional era o entendimento que passou a ter, desde que se dedicou a estudar e praticar coaching, de que deveria assumir um “estado de indignação profunda” em relação à sua situação “material, emocional e espiritual”. De acordo com sua definição do processo que iniciáramos com o curso naquela noite, não deveríamos esperar que o coaching resolvesse os nossos problemas, ou imaginar que encontraríamos naquele lugar e momento respostas prontas para as nossas aflições.

Também não deveríamos entender que o coaching teria a mesma ação sobre nossas vidas que a “Palavra de Deus”. Precisávamos “unir o coaching à Palavra”, sem olhar “só para o alto”, como colocando por delegação “as nossas ações no colo de Deus”; deveríamos, antes, assumir a responsabilidade sobre nossas próprias ações. Uma figura foi utilizada por Jonathan para ilustrar o que deveria ser o foco do processo que se iniciava. O coach sugeriu que um nome melhor para o curso poderia ser “gestão emocional e espiritual”, porque a ideia de “gestão” seria análoga à de responsabilidade humana ativa. Os termos “emocional” e “espiritual”, por seu turno, serviriam à maneira de uma lembrança de que “todo ser humano precisa cuidar dos dois lados juntos, sem privilegiar um e esquecer o outro”.

Essa “gestão emocional e espiritual” envolveria um “autoconhecimento” que seria melhor explicado por Jonathan na segunda sessão, na semana seguinte. De acordo com a apresentação em slides projetada no telão da igreja, “gestão emocional” se desdobraria em cinco pontos igualmente relevantes: 1) autoconhecimento emocional; 2) controle emocional; 3) automotivação; 4) reconhecimento de emoções em outras pessoas; e 5) habilidade em relacionamentos interpessoais. Todas as técnicas de coaching aplicadas durante o curso – inclusive a dinâmica de automotivação pela repetição de frases motivacionais da primeira sessão – guardariam relação com esses cinco pontos. É importante mencionar que o curso não contemplou um processo integral de planejamento, acompanhamento e execução de metas individuais (à maneira da fórmula “sair do ponto A e ser

conduzido até chegar ao ponto B”), o que aconteceria em atendimentos personalizados, mas somente a exposição de objetivos mais gerais do processo de coaching, em consonância com a realização de dinâmicas coletivas a eles associadas.

Através desse conjunto de dinâmicas, Jonathan não procuraria apenas incentivar o conhecimento teórico dos alunos sobre os objetivos implicados no processo de gestão emocional, mas também agiria sobre as emoções dos participantes do curso a partir de estímulos à expansão de seus “campos energéticos”. É interessante que, neste ponto, o coach se vale de uma série de elementos que vinculam noções sobre energias e potências internas a mensurações em unidades de medida físicas, realizando um duplo movimento: por um lado, indicando que a expansão de um campo energético localizado no corpo do indivíduo contribui para um melhor equilíbrio de suas emoções; e por outro, argumentando que a presença de um campo energético expandido é capaz de promover o desenvolvimento de uma “espiritualidade amadurecida”. De acordo com Jonathan, em todos os momentos e situações de nossa vida deveríamos considerar a oscilação constante entre emoções que expandem e contraem de forma simbiótica nosso campo energético, em um jogo de forças nunca estável e sempre passível a acomodações por parte de novos estímulos externos, mensuráveis a partir de frequências que determinam a um só tempo a qualidade da gestão emocional e a qualidade da espiritualidade.

Desde a segunda até a última sessão, uma tabela de mensuração energética orientada por essa dinâmica de expansão e contração do campo energético foi disponibilizada para a visualização dos alunos através dos slides mostrados no telão da igreja. Em uma rápida pesquisa realizada na Internet, encontrei modelos idênticos à tabela do curso. Eles continham as mesmas categorias, mas adotavam o nome de “Escala Hawkins de Consciência”.⁷ A tabela de Jonathan, por sua vez, não possuía título ou indicação de fonte. Reproduzo a seguir:

	ÔMEGA	
	PADRÃO	FREQUÊNCIA (Hz)
EXPANDIDO	CONSCIÊNCIA FINAL	1000
EXPANDIDO	ILUMINAÇÃO	700 OU +
EXPANDIDO	PAZ	600
EXPANDIDO	ALEGRIA	540
EXPANDIDO	AMOR	500

	RAZÃO	400
	ACEITAÇÃO	350
	DISPOSIÇÃO	310
	NEUTRALIDADE	250
	CORAGEM	200
	ORGULHO	175
	RAIVA	150
	DESEJO (vício/vontade egocêntrica)	125
CONTRAÍDO	MEDO	100
CONTRAÍDO	PESAR (dor, sofrimento, mágoa)	75
CONTRAÍDO	APATIA (inércia)	50
CONTRAÍDO	CULPA	30
CONTRAÍDO	VERGONHA	20
	ALFA	

Tabela 1: Escala Hawkins de Consciência. Mensuração energética baseada nas frequências das emoções. Fonte: Confecção própria do autor, a partir da tabela disponibilizada por Jonathan nos slides do curso.

Um conjunto de emoções é listado pela tabela, sob a organização de uma escala valorativa cuja medida mais baixa é “alfa” e a mais alta é “ômega”. A cada emoção corresponde um valor atrelado à frequência em hertz (Hz), unidade de medida que equivale a um ciclo por segundo (s^{-1} ou 1/s). Quanto mais baixa é a frequência de uma emoção, mais contraído se torna o padrão energético geral de uma pessoa. Inversamente, emoções com altas frequências em hertz indicam a expansão desse campo energético. Sentimentos como vergonha e culpa produzem uma frequência mínima, resultando diretamente na contração das energias (e, por consequência, na má qualidade da gestão emocional e da espiritualidade).

O contrário também é verdadeiro: sentimentos como alegria, paz e iluminação expandem o campo energético, proporcionando excelentes condições para a gestão emocional e para o “amadurecimento da espiritualidade”. Durante o curso, Jonathan mencionou *en passant* que somente grandes líderes religiosos da história da humanidade, como Jesus e Buda, teriam conseguido atingir o estado de consciência final expresso na tabela. Ou seja, teriam eles sido as únicas pessoas a possuírem campos energéticos beneficiados com a maior frequência em hertz possível – e também os únicos a gozarem de uma espiritualidade plenamente “amadurecida”.

Mensurações energéticas continuaram sendo importantes no decorrer das atividades do curso. Na terceira sessão, ocupamo-nos com uma dinâmica que consistia em “dar um abraço em nossa criança”. Sentados e de olhos fechados, deveríamos lembrar de passagens de nossa infância, fossem elas boas ou ruins, enquanto abraçávamos a nós mesmos com as duas mãos cruzadas sobre o peito, formando um “x”. Enquanto lembrávamos e nos reencontrávamos com nossas versões infantis, entre memórias de “alegria, tristeza, surpresa, choque, riso e dor”, como nos sugeria o coach, uma música gospel intitulada *Oh, quão lindo esse nome é* era executada ao fundo. Quando abrimos os olhos, a música parou e fomos indagados sobre quais emoções havíamos sentido durante a dinâmica.

O coach indicava a tabela de frequência energética para que fizéssemos uma autoanálise, localizando onde nela nos encontrávamos naquele momento em termos de energia. Minha reação foi de estranhamento com a convergência entre dinâmica de “abraço à criança”, música gospel e mensuração energética. Afinal, a técnica aplicada naquela sessão pertencia à ordem do coaching ou da religião? Qual era o limite entre formação e culto? A mensuração de nossa frequência energética tinha como referente as emoções sentidas através das lembranças da infância ou as emoções que a música despertava em nós? Evidentemente, faço estas perguntas de maneira provocativa, apenas para ressaltar a artificialidade das fronteiras da “economia do *ou isto/ou aquilo*” (VELHO, 2010). Afinal, coaching e religião não consistem em esferas distintas do curso *Inteligência Emocional*. Em si, o curso forma um processo social que é um todo integrado, não-compartimentado entre partes autônomas harmonizadas funcionalmente.

Na quarta e quinta sessões, respeitando as medidas de distanciamento requeridas para a prevenção do contágio por Covid-19, reunimo-nos em um círculo mais aproximado de cadeiras. Ao longo do curso, o número de participantes foi gradativamente diminuindo, sendo que nas últimas duas sessões se fizeram presentes apenas seis e três pessoas, respectivamente. Esse esvaziamento foi facilitado por um intervalo de uma semana entre a terceira e a quarta sessões, quando um feriado impediu nosso encontro. Com tão poucas pessoas, Jonathan redirecionou as dinâmicas para um diálogo direto com os alunos.

A penúltima sessão consistiu em uma conversa estendida sobre três perguntas que deveríamos responder: “qual o teu maior medo?”, “qual o teu maior fracasso?” e “qual o teu maior desejo?” Segundo o coach, o objetivo dessas perguntas era proporcionar um maior autoconhecimento e estimular o planejamento

de ações para vencer o medo, aprender com o fracasso e vislumbrar um modo de realização do desejo. A última das cinco sessões seguiu a mesma dinâmica, mas sob a colocação das seguintes perguntas: “quais são os três dias mais tristes da tua vida?” e “quais são os três dias mais felizes da tua vida?” As respostas, que compartilhávamos coletivamente, deveriam servir para entender as nossas limitações e reconhecer o nosso modo de agir diante dos desafios. Jonathan mencionava a existência de três padrões gerais de reação diante da vida: algumas pessoas seriam mais “racionais” (priorizando o “pensar o que fazer”), outras seriam mais “emocionais” (colocando em primeiro lugar o “sentir o que fazer”) e ainda outras seriam mais “ativas” (tomando “ações imediatas” antes de “alimentar pensamentos e emoções”).

De maneira geral, a forma como os diálogos foram trabalhados pelo coach se aproximava de um aconselhamento pessoal, pela ponderação das informações recebidas dos alunos e pelas sugestões pontuais realizadas quanto a possíveis caminhos a serem adotados por eles. Esse é um dos princípios básicos do coaching, comumente referido como “diagnóstico”. É através do conhecimento de aspectos variados da história de vida e da personalidade dos coachees que os coaches estabelecem os marcos do que seja uma “situação atual” e projetam uma “situação desejada”, alvo final de todo o processo de coaching. Mas um outro ponto chamou a minha atenção em meio às dinâmicas dialógicas efetivadas: eram abundantes e frequentes as referências do coach às particularidades da própria história de vida, como se ele próprio se inserisse no processo que guiava. Suas angústias, motivações, tropeços e conquistas eram um espelho no qual buscava continuamente refletir as circunstâncias vividas por outras pessoas. Nesse sentido, havia como que uma dinâmica testemunhal imbricada no acionamento de suas palavras, marcadas por um senso religioso das estratégias utilizadas para “vencer os obstáculos da vida”. Assim como na primeira sessão, o relato de conversão era central para articular coaching e religião em uma narrativa única de vitória.

A conversão inaugurava uma fase em que Jonathan, em suas palavras, passaria a “ver a vida com olhos espirituais”, iniciando um trajeto de amalgamação entre os conhecimentos adquiridos com os estudos e a prática de coaching e as “realidades espirituais” a partir de então experimentadas como cristão batizado na comunidade da Casa LGF. Sua caminhada de fé incluía simultaneamente um “amadurecimento da espiritualidade” e uma potencialização de seu campo energético, não havendo qualquer incompatibilidade entre um e outro processo.

Em seu testemunho nas dinâmicas dialógicas, o coach demonstrava através dos relatos da própria experiência que o sucesso da relação entre coaching e religião residia justamente no amadurecimento de sua espiritualidade e na potencialização de seu campo energético.

Os trabalhos de Bispo (2019), Dullo (2016) e Reinhardt (2016), entre outros, advogam a importância do testemunho para a composição de ações religiosas e seculares, indicando que é através de uma linguagem dos sentimentos que todo um gênero de narração de histórias de vida é estruturado e dá sentido a processos de reprodução mimética das subjetividades. As sessões de coaching do curso *Inteligência Emocional* instituíram um campo fértil para dinâmicas testemunhais que produziram sentidos para a relação coaching-religião a partir de elementos como a conversão religiosa e as experiências de vida do coach, articulando noções como espiritualidade e energia aos seus processos de amadurecimento, potencialização e gestão. Denomino *educação da espiritualidade* as maneiras específicas de efetivar e regular a produção dessas relações, posto que, como explicitarei na próxima seção, a ideia de espiritualidade foi um eixo central sobre o qual intervenções rituais como orações, louvores e testemunhos deitaram raízes no processo formativo empreendido no curso.

Perceber os atos e as formas de uma educação da espiritualidade pelo coaching significa levar a sério que dinâmicas e técnicas aplicadas em um curso como o *Inteligência Emocional* instituem uma maneira de conceber uma educação de si que foge ao escopo de práticas e instituições de educação formal. Para tratar da educação da espiritualidade, portanto, parto de um entendimento sobre processos educacionais que abrange práticas informais e não escolares de repetição e imitação (LAVE, 2011), incluindo neste rol a aplicação pedagógica de técnicas de coaching em uma igreja para o ensino da “gestão das emoções” e do “amadurecimento da espiritualidade”. Essa concepção mais ampla sobre processos educativos se aproxima da ideia de “educação informal” de Maria da Glória Gohn (2006), em que agentes educadores informais, como família, amigos, colegas de trabalho, igrejas e meios de comunicação propagam padrões de educação diversos daqueles encontrados em instituições escolares. Com o alargamento da noção de educação que a inclusão de agentes e espaços informais possibilita, práticas outrora desconsideradas como educacionais podem estimular o surgimento de novas reflexões.

Intervenções rituais e a regulação da imanência

Conforme procurei demonstrar na seção anterior, as práticas de coaching do curso *Inteligência Emocional* estiveram inscritas em um registro de relações que concatenou técnicas de coaching conhecidas e aplicadas por Jonathan, como dinâmicas de autoconhecimento, automotivação e mensuração energética, com a produção de um coaching permeado por uma lógica cristã. Vale dizer que essa dimensão propriamente cristã presente no processo de coaching do curso não deve ser associada com uma natureza religiosa que lhe fosse constituinte desde antes de sua prática. Pelo contrário, foi somente com o acompanhamento das dinâmicas em realização que pudemos perceber como operou a adequação entre técnicas de coaching e o reconhecimento de valores religiosos mais gerais.

Se, por um lado, desde os anúncios que lhe antecedem, o curso já possuía um objetivo explícito de “amadurecimento da espiritualidade” dos participantes, por outro, só foi possível perceber o que essa noção de espiritualidade punha em jogo ao colocar a atenção sobre as intervenções que inseriram o coaching nessa lógica cristã.

Refiro-me às intervenções rituais que aproximaram as sessões de um formato cultural, através da introjeção de elementos como orações, louvores e testemunhos nas suas dinâmicas. A própria realização do curso no espaço do templo pode ser mencionada como uma instância importante a este respeito, pois que possibilitou a aproximação dos participantes de uma “atmosfera” ambiente com a qual se tornou viável, entre outras coisas, a realização de dinâmicas como o “abraço à criança”. A simultaneidade que englobou a aplicação de uma técnica de reflexão interiorizante com pessoas reunidas em distanciamento, a execução de um louvor acompanhado por instrumentos musicais e a visualização da Escala Hawkins de Consciência, com sua tabela de mensuração energética, só foi realizável em um espaço amplo e dotado de tecnologias necessárias como aquele.

Além disso, essas intervenções permitiram que o processo de “gestão emocional” e “amadurecimento da espiritualidade”, associado ao desenvolvimento de potências interiores estimulado pelo coaching com vistas à obtenção de sucesso, superação e crescimento individual, fosse diretamente relacionado com a caminhada de fé cristã. A articulação entre os testemunhos de conversão e experiência de vida de Jonathan e as sugestões de decisão e ação direcionadas aos participantes do curso denotam essa produção de um vínculo íntimo entre coaching e cristianismo através do testemunho.

Mas por que produzir esse vínculo através de tais intervenções? Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que a presença de práticas de coaching em ambientes religiosos não é um fato inócuo, no sentido de que sua acomodação a parâmetros teológicos e eclesiológicos estabelecidos seja um movimento isento de ruídos, conflitos e contestações. Percorrer os detalhes das controvérsias que essas acomodações envolvem é sempre um trabalho melindroso, e não me proponho a realizá-lo no escopo deste artigo. Entretanto, uma indicação relativa a esse ponto será importante para prosseguirmos tratando do tema. No decorrer do trabalho de campo, interessado em conhecer percepções variadas de atores do campo evangélico sobre a prática de coaching, empreendi uma busca por vídeos no YouTube a partir da pesquisa de pares de palavras-chave, tais como “coaching e religião”, “coaching cristão” e “coaching evangélico”.

Em sua profusão, os resultados que surgiram apontaram para a existência de uma relação nada pacífica entre coaching e religião evangélica, ao menos do ponto de vista da maioria dos atores religiosos que produziram materiais para aquela plataforma audiovisual. Das dezenas de vídeos que assisti, quase a totalidade continha críticas contundentes sobre a presença do coaching em igrejas cristãs⁸. Os argumentos acionavam a ideia de que o processo de coaching seria essencialmente humanista e antropocêntrico, dadas sua afirmação de uma autossuficiência humana e sua exploração de um potencial individual interno, que contrariariam uma das noções mais básicas da teologia cristã: o cristocentrismo, ou a dependência total do indivíduo para com Deus através da ação vicária e salvífica de Cristo. De acordo com alguns críticos (MARTINS, PAMPLONA; NUNES, 2021), a “teologia do coaching” subverteria esse princípio e instauraria uma “atualização” ou uma “nova versão” da Teologia da Prosperidade.

Por certo, a constatação de querelas teológicas não esgota completamente as possibilidades de manifestação de conflitualidades envolvendo a presença do coaching em igrejas cristãs. Mas a sua importância não deve ser desconsiderada, uma vez que procuramos entender as tensões que tal presença é capaz de instaurar. Como nos mostra Fonseca (2000), a partir de sua análise da circulação de livros atrelados à doutrina da Confissão Positiva⁹ entre grupos evangélicos do Rio de Janeiro, a ideia de potências ou energias internas a serem desenvolvidas pelos indivíduos – presença marcante no bojo dos movimentos Nova Era – guarda relação próxima com uma ênfase evangélica, sobretudo neopentecostal, na busca pela prosperidade.

É particularmente interessante a afinidade existente entre a noção de desenvolvimento dessas potências e energias, tal como formulada sob o marco interpretativo da Nova Era, o processo de coaching e a ideia de espiritualidade. Maria Eugenia Funes (2016) percebe essa ligação e chama a atenção para a necessidade de se realizar pesquisas que contemplem a ponte espiritualidade-processos de *management*, entre os quais se inclui o coaching, em ambientes empresariais e corporativos. Uma abordagem articuladora desses processos relacionados a duas noções – espiritualidade e gestão – também pode incluir a sua copresença no seio da religião.

Minha sugestão é de que o encontro entre religião, espiritualidade e processos de gestão de si seja capaz de produzir uma “estrutura da conjuntura” (SAHLINS, 1990) *sui generis*, onde acomodações não significam apenas apropriações, mas também fricções e tensões. Uma vez que dinâmicas e rituais de aperfeiçoamento de si – como o coaching, em sua indissociabilidade com potências e energias individuais internas – estejam em sintonia com “espiritualidades ecológicas” que se situam em um horizonte de “cosmologias da imanência” (Steil; Carvalho, 2021), podemos nos perguntar se o que atravessa esse encontro, no caso específico da configuração de um coaching cristão, não é a própria relação entre imanência e transcendência. A maioria das críticas teológicas à presença do coaching em igrejas e espaços cristãos parece convergir para uma denúncia da dissociação entre as práticas religiosas e a transcendência, na medida em que processos imanentes de desenvolvimento de si, como aqueles desenvolvidos pelas técnicas de coaching, são vistos como operadores de uma inversão de princípios quanto à dependência humana em relação ao transcendente. Isto, de acordo com as críticas constatadas, criaria um “perigo” para o cristianismo: o da transformação de uma religião “cristocêntrica” em “antropocêntrica”.

No curso *Inteligência Emocional*, a resolução desse dilema passaria pela produção de uma educação da espiritualidade operada através de intervenções rituais que modulariam sentidos para a ideia de “amadurecimento da espiritualidade”. Por meio desse processo, seria estabelecido um regime de regulação da imanência onde aqueles elementos/efeitos tidos como “antropocêntricos”, tais como um entendimento positivo acerca da autossuficiência humana e a busca pelo desenvolvimento de potências a partir da energização de si, seriam canalizados por intervenções rituais aplicadas junto às técnicas que acompanhariam as dinâmicas das sessões. Orações, louvores e testemunhos seriam peças-chave para essa regulação, por conta de um encadeamento de feição

crístocêntrica que a um só tempo reafirmaria e estabilizaria a dicotomia antropocentrismo/crístocentrismo. Na articulação dessa solução para a tensão imanência-transcendência, o processo de coaching crístão para o “amadurecimento da espiritualidade” e a “gestão das emoções” receberia uma legitimação religiosa.

Considerações finais

Neste artigo, apresentei uma etnografia realizada a partir de um curso de “inteligência emocional” promovido por uma igreja evangélica de Porto Alegre. Ao longo das cinco sessões do curso, técnicas de coaching foram aplicadas com a finalidade de estimular o “amadurecimento da espiritualidade” e a “gestão das emoções” dos participantes. Após aproximar conceitualizações envolvendo o processo de coaching e um debate nas ciências sociais da religião sobre a noção de espiritualidade, procurei demonstrar como as dinâmicas das sessões do curso envolveram uma educação da espiritualidade *sui generis*. Tal processo foi composto, por um lado, por técnicas de coaching que abrangiam desde dinâmicas coletivas de autoconhecimento e automotivação até mensurações energéticas baseadas em uma tabela de frequência das emoções. Por outro lado, intervenções rituais como orações, louvores e testemunhos também se fizeram presentes, concatenando-se com as técnicas de coaching na composição de um coaching de corte crístão.

Na condição simultânea de pesquisador em campo e participante do curso, fui a um só tempo observador e sujeito da aplicação dessas técnicas e dinâmicas. O efeito mais imediato de minha convivência com as sessões de *Inteligência Emocional* foi a percepção de que o coaching crístão, na forma como se constituiu e se me apresentou desde a Casa LGF, é constituído por um processo maleável de associação entre referências religiosas e seculares. Não identifico esses elementos, extraídos de fontes aparentemente tão díspares quanto a Bíblia e a Escala Hawkins de Consciência, como pontos de estabelecimento de uma oposição *a priori*, mas como discursos e práticas que coexistem de maneira flexível, intencionalmente regulada por seus produtores e enunciadores, e geradora de novas sínteses situadas *entre e para além* do religioso e do secular, do culto e da sessão, da religião e da ciência.

A ideia de educação da espiritualidade opera exatamente nesse plano: no entremeio das técnicas e dinâmicas de coaching crístão, amadurecimento espiri-

tual e desenvolvimento pessoal se inserem em uma vinculação eivada de tensões. Sugeri que estas últimas frequentemente se traduzem através de certas dicotomias espelhadas, como religioso/secular e imanência/transcendência. A elas se dirige o processo de educação da espiritualidade, objetivando uma regulação.

Ao atentar para as articulações em torno da noção de espiritualidade, basilares aos processos de educação para o seu “amadurecimento”, observei que a relação estabelecida entre o desenvolvimento de potências individuais internas estimulada pelo processo de coaching e a ideia de autossuficiência humana orientada por ele suscitava tensões sobretudoteológicas, colocando em jogo um “perigo” de inversão das dicotomias antropocentrismo/cristocentrismo e imanência/transcendência para as práticas religiosas cristãs. Sugeri, então, que a presença de intervenções rituais no processo de coaching configuraria um modo de regulação da imanência destinado a estabilizar essas dicotomias e a produzir uma ênfase cristocêntrica para o coaching cristão.

Referências

- AGUIAR, Taylor de. Coaching educacional: variações de uma metodologia em três trajetórias docentes. **Equatorial**. Natal: UFRN, v. 8, n. 15, jul./dez. de 2021. pp. 01-20.
- BATISTA, Karen; CANÇADO, Vera L. Competências requeridas para a atuação em coaching: a percepção de profissionais coaches no Brasil. **REGE – Revista de Gestão**. São Paulo, v. 24, n. 1, 2017. pp. 24-34.
- BISPO, Raphael. “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 25, n. 54, mai./ago. de 2019. pp. 111-139.
- CAROZZI, María Julia. **A Nova Era no Mercosul**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- CASALOTTI, Bruno. **Os treinadores do “jogo interior”**: estudo sobre a prática do coaching no contexto da reestruturação produtiva no Brasil. Dissertação (mestrado em Sociologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.
- DULLO, Eduardo. Testemunho: cristão e secular. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, v. 36, n. 2, 2016. pp. 85-106.
- FARIA, Louise Scoz Pasteur de. **O poder dos sonhos**: uma etnografia de empresas startup no Brasil e no Reino Unido. Tese (doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

FONSECA, Alexandre Brasil. Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**. Juiz de Fora: UFJF, v. 3, n. 2, 2000.pp. 63-90.

FRIGERIO, Alejandro. La “nueva?” espiritualidad: ontología, epistemología y sociología de um concepto controvertido. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre: ACSRM, ano 18, n. 24, jan./jul. de 2016.pp. 209-231.

FUNES, María Eugenia. La integración entre la espiritualidad Nueva Era y el nuevo management en Argentina: afinidades y tensiones. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 18, n. 24, p. 191-208, jan./jul. 2016.

GIUMBELLI, Emerson. Regulação do religioso: discussões conceituais e panorama da situação em quatro países latino-americanos. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre: ACSRM, ano 18, n. 25, dez. de 2016.pp. 14-37.

GIUMBELLI, Emerson; TONIOL, Rodrigo. What is spirituality for? New relations between religion, health and public spaces. In: MAPRIL, Jose; BLANES, Ruy; GIUMBELLI, Emerson; WILSON, Erik. (org.). **Secularisms in a postsecular age? Religiosities and subjectivities in comparative perspective**. London: Palgrave Macmillan, 2017. pp. 147-167.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, jan./mar. de 2006.pp. 27-38.

GUIMARÃES, Stéfane Crysleine Alves. **Say yes: etnografia do coaching, metodologia de desenvolvimento humano e promotor da felicidade**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais, com Habilitação em Antropologia). Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

HANEGRAAFF, Woulter J. **New Age religion and Western culture: esotericism in the mirror of secular thought**. Leiden; New York: Brill, 1996.

HEELAS, Paul; WOODHEAD, Linda. **The spiritual revolution: why religion is giving way to spirituality**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

HUSS, Boaz. Spirituality: the emergence of a new cultural category and its challenge to the religious and the secular. **Journal of Contemporary Religion**, v. 29, n. 1, 2014. pp. 47-60.

LAVE, Jean. **Apprenticeship in critical ethnographic practice**. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINS, Yago; PAMPLONA, Pedro; NUNES, Guilherme. **Você é o ponto fraco de Deus e outras mentiras da teologia do coaching**. Fortaleza: Editora 371, 2021.

MARQUES, Luciana Fernandes. O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. **Psicodebate**, Buenos Aires, v. 10, 2010. pp. 135-151.

OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina et al. Desvendando o coaching: uma revisão sob a ótica da psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 38, n. 2, abr./jun. de 2018. pp. 363-377.

ORO, Ari Pedro. “Podem passar a sacolinha”: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. **Cadernos de Antropologia**. Porto Alegre, n. 29, 1992. pp. 07-44.

PEIRANO, Mariza. Artimanhas do acaso. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. pp. 119-134.

REINHARDT, Bruno. De epifania a método: a teopolítica do testemunho em um seminário pentecostal em Gana. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, v. 36, n. 2, 2016. pp. 44-70.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SELIGMAN, Martin. **Felicidade autêntica**: usando a psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SILVA, Carlos Roberto Ernesto da. Orientação profissional, mentoring, coaching e counseling: algumas singularidades e similaridades em práticas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 11, n. 2, jul./dez. de 2010. pp. 299-309.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Na “carne do mundo”: imanência, subjetivação e espiritualidades ecológicas. **Lusotopie**, v. 20, n. 1-2, 2021. pp. 01-15.

STERN, Fábio L.; GUERRIERO, Silas. Evangelical coaching: New Age elements in Brazilian Charismatic Christianity. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, v. 26, 2020. pp. 63-82.

TONIOL, Rodrigo. Atas do espírito: a Organização Mundial da Saúde e suas formas de instituir a espiritualidade. **Anuário Antropológico**. Brasília: UnB, v. 42, n. 2, 2017. pp. 267-299.

TONIOL, Rodrigo. Espiritualidade que faz bem. Pesquisas, políticas públicas e práticas clínicas pela promoção da espiritualidade como saúde. **Sociedad y Religión**. Porto Alegre: ACSRM, v. 25, n. 43, 2015. pp. 110-143.

VAN DER VEER, Peter. Spirituality in modern society. **Social Research**, v. 76, n. 4, 2009. pp. 1097-1120.

VELHO, Otávio. A religião é um modo de conhecimento? **PLURA – Revista de Estudos de Religião**, v. 1, n. 1, p. 3-37, 2010.

¹ Ao longo do texto, não adoto a forma itálica para me referir à palavra “coaching” e a seus derivados, porque considero que seu amplo uso em língua portuguesa, ao menos no Brasil, já constitui um neologismo.

² Carta Capital. *Reitor escolhido por Bolsonaro dava aula de espiritualidade e coaching*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/educacao/reitor-escolhido-por-bolsonaro-dava-aula-de-espiritualidade-e-coaching/amp/>. Acesso em 19/04/2021.

³ Atente-se também ao nome da disciplina ministrada por Recktenvald: “Espiritualidade e Liderança”.

⁴ Ao acionar a noção de regulação da imanência, refiro-me às configurações situacionais que a ideia de imanência assume no contexto dos processos de educação da espiritualidade que acompanhei. Regulação, nesse sentido, não é um sinônimo para regulamentação ou controle, mas um termo que aponta para um conjunto de configurações. Meu entendimento sobre regulação se inspira no conceito de “regulação do religioso”, descrito por Giumbelli (2016) como “propriedade” de um “sistema [que] pode ser definido como o conjunto de mecanismos que estabelecem o lugar do ‘religioso’ em uma formação social” (p. 17).

⁵ Pseudônimo utilizado para me referir ao coach responsável pelo curso *Inteligência Emocional*. Ao atribuir nomes fictícios aos meus interlocutores, cumprio com obrigações éticas relacionadas ao anonimato.

⁶ Psicologia Positiva é o nome atribuído a uma corrente existente no interior das ciências psicológicas que defende intervenções sistemáticas na subjetividade dos indivíduos para a promoção “da felicidade e das virtudes humanas”. Para um aprofundamento no tema a partir de um de seus principais teóricos, ver Seligman (2004). Para uma revisão bibliográfica ampla sobre a presença do conceito de espiritualidade em estudos científicos de áreas diversas, incluindo a Psicologia Positiva, ver Marques (2010).

⁷ David R. Hawkins (1927-2012) foi um psiquiatra e escritor estadunidense que se dedicou a estudar fenômenos associados ao que ele próprio chamava de “consciência espiritual”. É dele a autoria original da escala que leva seu nome. Ver: GreenMe Brasil. *Escala de Hawkins: o quanto as emoções influenciam nossa vibração e nível de energia*. Disponível em: <https://www.greenmebrasil.com/viver/segredos-para-ser-feliz/48740-escala-de-hawkins-emocoes-influenciam-vibracao-nivel-energi-a/#:~:text=A%20Escala%20da%20Consci%C3%Aancia%20de%20Hawkins&text=A%20base%20dos%20estudos%20e,n%C3%ADvel%20consciencial%20de%20cada%20um>. Acesso em 26/04/2021.

⁸ Cristãs, mas não somente evangélicas. Destaco dois vídeos desse grupo, pelas tensões que visibilizam nas críticas ao que chamam de uma “teologia do coaching”: *Teologia do coaching chegou nas igrejas?*, do canal Mundo Bíblico. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=X7kc3P_exEo&t=33s. E *Teologia do coaching é bíblica?*, do canal Teologues. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qUMXC-eFgBI>. Acesso a ambos os links em 26/04/2021.

⁹ Uma das bases da Teologia da Prosperidade, a doutrina da Confissão Positiva preconiza que palavras têm poder espiritual, e que bênçãos podem ser alcançadas a partir de frases e atos de determinação. Para duas referências que fornecem um aprofundamento no debate, conferir Oro (1992) e Mariano (1999).

Recebido em 24/06/2021

Aceito para publicação em 22/04/2022